

O DESENHO INFANTIL NA AVALIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

ROCHA, Rosecleia Schutzler da¹

RU: 2806549

DO VALLE, Andreia Elicker de Oliveira²

RESUMO

Este artigo busca refletir sobre como os desenhos infantis podem ser utilizados como um meio de investigação no atendimento das crianças em avaliações psicopedagógicas, buscando analisar “Qual o olhar da Psicopedagogia para o desenho infantil?” Tendo como objetivos investigar como o desenho exerce influência no atendimento da Avaliação Psicopedagógica, verificar como o desenho evolui nas diversas fases da vida de uma criança e analisar sua importância para o desenvolvimento da escrita. O desenho infantil pode ser utilizado como um instrumento para avaliar a criança, porém para essa avaliação o psicopedagogo precisa ter um vasto conhecimento sobre o tema. Um desenho pode ter muitos significados, mas não deve ser olhado de forma isolada, se faz necessário uma avaliação ampla em diversos aspectos e observações. Este artigo busca trazer reflexões sobre os desenhos como um meio de investigação psicopedagógica, quais aspectos o psicopedagogo deve levar em consideração, quais conhecimentos deve ter para utilizá-lo como um instrumento investigativo. Para subsidiar essa pesquisa foi realizada uma revisão bibliográfica de autores como Derdyk, Florêncio, Bueno, Moreira, Ferreira, entre outros. Os objetivos do estudo foram alcançados, o psicopedagogo necessita de vários instrumentos investigativos para avaliar, diagnosticar e buscar elementos que o auxiliem no atendimento de crianças com dificuldades de aprendizagem, e o desenho mostrou-se um instrumento que mostra muito das percepções que a criança tem do mundo a sua volta, assim como revela muitas vezes sentimentos que ela não consegue expressar em palavras.

Palavras-chave: Desenho Infantil. Avaliação Psicopedagógica. Recurso Investigativo.

1.INTRODUÇÃO

Um desenho pode contar muito sobre o estado emocional de uma pessoa, como ela se relaciona com seus pares, como ela percebe o mundo a sua volta. Desde os primeiros seres humanos o desenho foi utilizado para

¹ Aluno do Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Psicopedagogia. 2º Semestre - 2021.

expressar sentimentos, ilustrar acontecimentos, a interpretação desses desenhos depende muito do olhar de quem o vê. O desenho infantil também mostra muito de quem o fez, nesse sentido o psicopedagogo quando utiliza o desenho como um instrumento avaliativo necessita de muitos conhecimentos sobre o desenho infantil e seus significados, como ocorre a evolução do desenho na infância e como o desenhar pode influenciar no processo da escrita.

Este artigo tem o objetivo de trazer reflexões sobre como o psicopedagogo pode utilizar o desenho como um instrumento na avaliação psicopedagógica. Um desenho em si pode não trazer os elementos necessários, mas a observação, o conhecimento sobre a criança e o olhar investigativos sobre vários desenhos, realizados em momentos diferentes podem trazer os elementos necessários para que o psicopedagogo possa avaliar os desenhos e tirar conclusões sobre a criança e como ela se relaciona com o seu entorno.

Os conhecimentos sobre os desenhos infantis pode auxiliar o psicopedagogo em sua avaliação sobre uma criança, sendo assim este estudo buscou analisar “Qual o olhar da Psicopedagogia para o desenho infantil?” Tendo como objetivos investigar como o desenho exerce influência no atendimento da Avaliação Psicopedagógica, verificar como o desenho evolui nas diversas fases da vida de uma criança e analisar sua importância para o desenvolvimento da escrita.

A busca por trazer reflexões relacionadas ao uso do desenho infantil como um instrumento avaliativo é pertinente ao psicopedagogo visto que é ele quem busca compreender as dificuldades de aprendizagem e buscar meios para ajudar essa criança.

Os objetivos do estudo foram alcançados, o psicopedagogo necessita de vários instrumentos investigativos para avaliar, diagnosticar e buscar elementos que o auxiliem no atendimento de crianças com dificuldades de aprendizagem e o desenho mostrou-se um instrumento que mostra muito das percepções que a criança tem do mundo a sua volta, assim como revela muitas vezes sentimentos que ela não consegue expressar em palavras. Para subsidiar essa pesquisa foi realizada uma revisão bibliográfica de autores como Derdyk, Florêncio, Bueno, Moreira, Ferreira, entre outros.

2. O DESENHO INFANTIL COMO UM RECURSO NA AVALIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

O desenho é uma maneira de comunicação do ser humano, sendo os primeiros desenhos conhecidos como “desenhos rupestres”, feitos em cavernas pelos primeiros seres humanos. O desenho é tão simples e ao mesmo tempo tão significativo para a humanidade e sua evolução, o desenho até os dias de hoje pode transmitir muitas coisas, nas palavras de Derdyk:

O homem sempre desenhou. Sempre registrou gráficos, índices de sua existência, comunicados íntimos destinados à posteridade. O desenho, linguagem tão antiga e tão permanente, sempre teve presente, desde que o homem inventou o homem. Atravessou as fronteiras espaciais e temporais, e, por ser tão simples teimosamente acompanha nossa aventura na Terra. (1993, p. 10)

Os desenhos podem transmitir criatividade, emoções, percepções, informações sobre o indivíduo que o fez, o desenho não tem idade. O desenho pode ser considerado a primeira escrita da criança, seu primeiro registro de suas emoções, seu modo de ver e sentir o mundo, para isso se faz necessário observar como e porque desenhou, qual o momento, o sentimento que a levou fazer seus primeiros “rabiscos”

Para melhor conhecer a criança é preciso aprender a vê-la. Observá-la enquanto brinca: O brilho dos olhos, a mudança de expressão do rosto, a movimentação do corpo. Estar atento à maneira como desenha o seu espaço, aprender a ler a maneira como escreve a sua história (MOREIRA, 2008, p. 20).

Para a criança o ato de desenhar se dá de forma natural, basta um instrumento que a auxilie nesse ato como um lápis, um giz, um carvão e uma superfície que pode ser um papel, uma parede, mesa, a terra do chão, enfim, muitos podem ser os instrumentos para esse ato, assim como podem ser diversas as motivações.

Toda a criança desenha. Tendo um instrumento que deixe uma marca: a varinha na areia, a pedra na terra, o caco de tijolo no cimento, o carvão nos muros e calçadas, o lápis, o pincel com tinta no papel, a criança brincando vai deixando sua marca, criando jogos, contando histórias. Desenhando cria em torno de si um espaço de jogo, silencioso e concentrado ou ruidoso seguido de comentários e

canções, mas sempre um espaço de criação. A criança desenha para brincar. (MOREIRA, 2008, p.15)

Para entender e dar um significado é preciso observar os desenhos e em que momentos foram realizados. A observação do ato de desenhar de uma criança é muito importante para dar significado ao seu desenho. Os desenhos infantis passam por várias etapas, evoluções conforme a faixa etária da criança, etapas essas muito importantes para o desenvolvimento motor, social, emocional, para a percepção de mundo dessa criança. Por meio dos desenhos a criança expressa seus sentimentos, muitas vezes expressa algo que não consegue entender ou expressar em palavras. Os estímulos, os ambientes sociais dessa criança também interferem em sua forma de desenhar.

Os desenhos infantis são, portanto palavras. Ao desenhar, a criança expressa coisa diferente do que sua inteligência ou nível de desenvolvimento mental; uma espécie de projeção da sua própria existência e da dos outros, ou melhor, da maneira pela qual se sente existir, e sente os outros existirem. (PORCHER, 1992, p. 10)

O desenho da criança deve ser valorizado, não apenas no espaço da sala de aula ou como uma atividade artística, deve ser valorizado como uma forma de expressão social, uma forma de desenvolvimento motor e cognitivo.

2.1 ETAPAS DO DESENHO INFANTIL

Nos primeiros anos da infância, entre um e quatro anos a fase dos desenhos se caracteriza pela garatuja, pelos rabiscos, nessa fase a criança começa a descobrir que alguns materiais em suas mãos podem deixar marcas nas paredes, nos papéis, na terra ou na areia. É uma fase de descobertas das crianças, onde elas começam a perceber que o movimento de suas mãos com determinados objetos deixam marcas, cabe aos adultos ou responsáveis incentivarem, oferecerem esses instrumentos como o papel, o lápis, as tintas para as crianças poderem deixar fluir sua criatividade.

Os primeiros traçados de linhas sobre o papel constituem um passo muito importante do desenvolvimento infantil, pois representam o início da expressão que conduzirá a criança ao desenho, a pintura e também a escrita (NICOLAU, 2008, p. 11).

No início as garatujas são desordenadas, a criança experimenta várias superfícies, seus riscos são desordenados, em todas as direções, não respeitam limites de folhas, espaços ou traços pré-determinados. “Seu maior prazer está em explorar o material e riscar o chão, as portas, o próprio corpo e os brinquedos” (OLIVEIRA, 1994, p. 44), a seguir a criança passa para as garatujas ordenadas, começa a fazer desenhos circulares, olhar para o que está fazendo, também passa a perceber que os movimentos que realiza têm a ver com o movimento que aparece no papel. “Passa a olhar o que faz, começa a controlar o tamanho, a forma e a localização dos desenhos no papel” (OLIVEIRA, 1994, p. 44). Nessa primeira fase a criança ainda não entende o desenho como algo independente, ela imagina como um prolongamento de seu gesto.

A primeira fase compreende a rabiscção ou garatuja, no qual o desenho é um prolongamento do gesto, ou seja, é o início do contato das mãos com o lápis, com o prazer do fazer sem intenção e do conhecimento da utilização da coordenação motora fina sem definição precisa dos traçados, ocorre com crianças de um ano e meio a quatro anos (FERREIRA, 2012, p. 30).

Por volta dos três anos à criança começa a nomear suas garatuja, dando-lhe um maior significado, a criança gosta da atenção que dão para suas criações, gosta de falar o que fez. Seus desenhos começam a ser reconhecidos em suas formas.

A segunda fase é início de figuração, no qual surgem as primeiras formas reconhecíveis, ou melhor, a criança descobre a relação entre desenho, pensamento e realidade. Nesse momento já consegue firmar os traçados tornando as garatuja reconhecíveis, continua a utilizar-se dos símbolos até chegar ao conceito de forma, essa fase ocorre com criança em média de quatro a sete anos (FERREIRA, 2012, p. 37).

Por volta dos quatro aos seis anos surgem às primeiras formas representando a realidade, a criança começa a desenhar com intencionalidade, essa fase é chamada de pré-esquemática. Na representação da figura humana falta proporção e elementos.

A etapa esquemática inicia por volta dos sete anos, à criança percebe os vários elementos que podem conter em um desenho, usa cores de acordo com o que desenha, buscando na realidade o sentido de quais cores usar. Começam a ter noções espaciais, seus desenhos são mais realistas.

O terceiro estágio se dar por figuração esquemática, no qual a criança desenha o que ela sabe, ou seja, a criança utiliza-se de regras e retrata as coisas do contexto que estiverem inseridas, passando a descobrir as relações espaciais. Essa fase ocorre com crianças de sete a dez anos (FERREIRA, 2012, p. 42).

A partir dos 10 anos os desenhos infantis são realistas, as crianças desenhavam o que veem ao seu redor, seus desenhos são mais detalhados. Ela busca elementos no real para dar mais veracidade em seus desenhos.

O quarto estágio é o de figuração realista, quando a criança se esforça em representar o que vê. Nessa fase o desenho é realista, a criança reproduz o que vê ao seu redor, produz algo inédito e percebe que pode realizar tarefa em grupo e que assim consegue construir mais. Essa fase ocorre com crianças a partir dos dez anos (FERREIRA, 2012; p. 47).

É muito importante salientar que as fases do desenho infantil não são uma regra, cada criança se desenvolve de maneira diferente, essas etapas podem ocorrer em idades diferentes, os incentivos, as oportunidades oferecidas, as estimulações feitas por parte dos adultos, o meio social que essa criança frequenta, todos esses fatores podem influenciar nas fases de desenvolvimento do desenho infantil.

O desenho é a primeira forma “escrita” que a criança usa para se expressar, ela o faz de forma prazerosa, sente-se bem ao mostrar a sua arte a um adulto, gosta de nomear o que fez, assim como de receber elogios, os primeiros desenhos estão entre o real e o imaginário da criança, quando a criança rabisca ela descobre um mundo a sua volta, onde permanecem seus registros, o poder do lápis, do giz em uma folha, em uma parede, e sua forma de expressar-se.

[...] porque o desenho é para criança uma linguagem como o gesto e a fala. A criança desenha para falar e poder registrar sua fala. Para escrever. O desenho é sua primeira escrita. Para deixar sua marca,

antes

de aprender a escrever, a criança se serve do desenho. A criança desenha para falar de seus medos, suas descobertas, suas alegrias e tristezas. (MOREIRA, 2008, p. 20).

O que no início é de forma espontânea, passa a serem de forma intencional, os rabiscos são os primeiros registros da criança. É com o desenho que a criança expressa seus sentimentos, brinca, demonstra medos inseguranças ou determinação, é muito importante que a criança seja incentivada a desenhar, a se expressar por meio dos desenhos, das cores, mostrar suas habilidades.

Ao desenhar ela constrói um espaço ao seu redor. Observá-la é fundamental para que possamos entendê-la, pois para este pequeno ser, o desenho é a sua linguagem e sua primeira escrita. Nele são mostrados seus medos, inseguranças, ansiedades, alegrias e descobertas. A criança não nasce sabendo desenhar, que este conhecimento é construído a partir da sua relação direta com o objeto, assim são suas estruturas mentais é que definem as suas possibilidades quanto à representação e interpretação do objeto. Assim a criança é o sujeito de seu processo, ela aprende a desenhar a partir de sua interação com o meio. (PILLAR, 1996, p. 21)

São os adultos que incentivam as crianças em seus primeiros rabiscos, que oportunizam os materiais para a criança desenvolver seus primeiros desenhos, a criança não nasce sabendo desenhar, precisa de incentivos, é um conhecimento que vai sendo construído ao longo do tempo, a cada desenho a criança inova, completa, modifica.

Os desenhos são muito importantes para as crianças, sendo muito comum usarem o desenho para presentear alguém que elas têm afeto, carinho. “Trata-se de uma produção impregnada de liberdade; é comum a criança oferecê-la de presente, como uma parte de si mesma” (COGNET, 2019, p. 13). Quanto mais percebem que são incentivadas, que suas “obras artísticas” são valorizadas e reconhecidas, mais se dedica.

2.2 O DESENHO NA AVALIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

A psicopedagogia é uma área de estudo que estuda como ocorre o processo de aprendizagem e suas dificuldades, levando em consideração os aspectos ou fatores internos e externos da criança e sua vida. O

psicopedagogo é o profissional que busca identificar e resolver os problemas que envolvem o processo de aprendizagem, estando capacitado para diagnosticar e encontrar possíveis soluções para as dificuldades de aprendizagem da criança.

O psicopedagogo, muitas vezes identifica problemas que não se restringem a sua área de atuação, sendo assim necessária uma parceria com outros profissionais para solucionar os problemas diagnosticados, profissionais tais como: psicólogos, pediatras, fonoaudiólogos, neurologistas, entre outros. Para Porto (2007, p.77) “A psicopedagogia é um campo de atuação que integra saúde e educação e lida com o conhecimento, sua ampliação, sua aquisição, suas distorções, suas diferenças e seu desenvolvimentos por meio de múltiplos processos”.

O psicopedagogo pode-se utilizar de vários instrumentos investigativos com o propósito de diagnosticar possíveis dificuldades de aprendizagem, uma delas é o desenho.

O desenho pode ser utilizado como um instrumento de avaliação. Nesse sentido a interpretação dos desenhos pode ser utilizada para trazer à tona elementos que estão no inconsciente da criança, um desenho pode ser muito revelador. Os desenhos são diferentes, a criança desenha de forma diferente, depende para quem está desenhando, é diferente o desenho que é oferecido para os pais daquele que é oferecido para o professor ou para um psicólogo, para Cognet:

A prova disso – se fosse preciso uma – reside no fato de que o desenho infantil não é estereotipado: o desenho destinado aos pais é diferente daquele que é oferecido à professora ou ao psicólogo. Cada desenho tem um destino, sendo concebido, realizado e transformado involuntariamente por aquele a quem foi prometido. (2019, p.13)

O psicopedagogo ao utilizar o desenho como instrumento investigativo busca compreender o que a criança quer dizer, mesmo que de maneira inconsciente, um desenho pode trazer em seus elementos muitas interpretações, que precisam ser analisadas dentro de um contexto, nunca de forma isolada.

Para melhor conhecer a criança é preciso aprender a vê-la. Observá-la enquanto brinca: O brilho dos olhos, a mudança de expressão do rosto, a movimentação do corpo. Estar atento à maneira como desenha o seu espaço, aprender a ler a maneira como escreve a sua história (MOREIRA, 2008, p. 20).

Na avaliação psicopedagógica, quando o desenho é utilizado como um instrumento investigativo, é uma ferramenta essencial para o psicopedagogo, nele a criança deixa transparecer seus sentimentos, seus pensamentos, mesmo que inconscientes, o desenho fala sobre ela.

Inconscientemente, ela bem sabe que aquele desenho, por mais tosco que possa lhe parecer a olhos inexperientes que não conheçam o universo próprio à infância, fala sobre ela mesma, sobre seu desenvolvimento, desejos, temores e, até mesmo, angústias. (COGNET, 2019, p. 13).

Porém deve ser utilizado com cautela e não como um único instrumento, para ter um diagnóstico mais preciso são necessários vários instrumentos, observações, entrevistas, observações, o desenho é mais um meio para auxiliar nesse processo do diagnóstico. O desenho é uma manifestação de inteligência, onde a criança cria e recria hipóteses, ela vivência tudo a sua volta, para Derdyk:

O desenho também é uma manifestação de inteligência. A criança vive a inventar explicações, hipóteses e teorias para compreender a realidade. O mundo para a criança é continuamente reinventado. Ela constrói suas hipóteses e desenvolve a sua capacidade intelectual e projetiva, principalmente quando existem possibilidades e condições físicas, emocionais e intelectuais para elaborar estas “teorias” sob formas de atividades expressivas. (DERDYK, 1994, p. 54).

São importantes que sejam avaliados desenhos livres assim como os orientados, quando a criança desenha de forma livre, intuitivos, podem transparecer emoções escondidas em seu íntimo, algo que ela queira expressar naquele momento, por outro lado o desenho com um tema sugerido, orientado pelo psicopedagogo pode também trazer elementos cuja investigação sobre algo específico para determinada observação. Segundo Oliveira, “Através da observação do desenho da criança podemos obter dados sobre seu desenvolvimento geral, assim como levantar hipóteses de

comprometimento afetivo- emocional, intelectual, perceptivo e motor em suas múltiplas interferências.” (2009, p. 41).

Um único desenho pode trazer muitas informações, porém são necessários vários desenhos, de momentos diferentes da criança, pois seu estado emocional naquele momento pode trazer elementos ao desenho que podem não ser reais. O psicopedagogo ao utilizar o desenho como um instrumento investigativo necessita um vasto conhecimento sobre o assunto, olhar todo o contexto que aquela criança está inserida.

O desenho ao ser utilizado como um instrumento avaliativo deve levar muitas coisas em consideração, a idade da criança, quando ela fez o desenho, se foi espontâneo ou dirigido, as cores utilizadas, se havia oferta de várias cores ou não, são muitos aspectos a ser observado, qual o contexto desse desenho. As interpretações de um desenho devem ser feitas com cautela, há muitas interpretações para um único elemento, tamanho, posicionamento na folha, pressão do lápis, cor escolhida, entre tantos outros. O psicopedagogo tem que estar atento a todos esses elementos, conhecer a fundo as várias interpretações de um desenho.

2.3 O DESENHO COMO UM PRECURSOR DA ESCRITA

O desenho pode ser considerado como a primeira forma de comunicação escrita, é com o desenho que a criança deixa seu registro, sua marca, nesse sentido o desenho pode ser considerado como a primeira escrita da criança. O ato de desenhar, os movimentos que a criança faz, assim como a coordenação motora que lhe é exigida para o ato de desenhar traz muitos benefícios para o processo de alfabetização e letramento, para a escrita propriamente dita. Para Almeida (2003, p. 27):

[...] as crianças percebem que o desenho e a escrita são formas de dizer coisas. Por esse meio elas podem “dizer” algo, podem representar elementos da realidade que observam, e com isso, ampliar seu domínio e influenciar sobre o ambiente.

O desenho é muito importante para o processo de alfabetização de uma criança, visto que é o processo que antecede a escrita, a criança ao desenhar vai desenvolvendo a sua coordenação motora, o que é essencial no domínio da

escrita. O desenho também requer planejamento, sendo assim é muito importante que essa etapa seja respeitada dentro do universo infantil, a criança utiliza o desenho como uma forma de expressão, o seu grafismo é a forma de comunicação, o que ela quer transmitir, visto que ainda não escreve.

A relação do desenho com a escrita encontra-se na fala da criança, quando esta identifica o objeto que desenhou segundo sua semelhança e depois passa a antecipar e planejar sua ação, desta forma Vygotsky afirma que a linguagem verbal é base para a linguagem gráfica. (ALEXANDROFF, 2010, p. 29-30).

A criança na fase em que inicia a escrita, a alfabetização e letramento ainda não percebe a diferença entre desenho e escrita, nesse início, de certa forma ela ainda está “desenhando as letras”.

[...] para que a criança se aproprie dos sistemas de representação do desenho e da escrita, ele terá de reconstruí-los, diferenciando os elementos e as relações próprias aos sistemas, bem como a natureza do vínculo entre o objeto do conhecimento e sua representação. Esse vínculo pode ser arbitrário, como no caso da escrita, por se valer de signos, ou analógico, como no desenho, por utilizar símbolos. (PILLAR, 1996, p. 32).

Para a criança ainda é complexo diferenciar o desenho em si e o desenhar as letras, aqueles signos que estão começando a ter um nome, a ter uma forma correta de fazer, e que são utilizados juntos para nomear objetos. As informações que recebe, o contato com diferentes modos de escrever e os diferentes contextos onde são apresentados a escrita, favorecem o processo de escrita e leitura da criança.

A criança percebe que a escrita tem uma importância diferente aos olhos do adulto, é importante entender como essa criança aprende, para Ferreiro:

[...] se a escrita é concebida como um código de transcrição, sua aprendizagem é concebida como a aquisição de uma técnica; se a escrita é concebida como um sistema de representação, sua aprendizagem se converte em apropriação de um novo objeto de conhecimento, ou seja, em uma aprendizagem conceitual. (1985, p.6).

O conhecimento da criança está em suas conquistas, em entender o que está fazendo, em começar a diferenciar a escrita e o desenho. Ferreiro faz um

paralelo entre o desenho e a escrita, a importância que os dois têm para a criança, e como ela o começa a diferenciar conforme vai avançando em seu processo de alfabetização e letramento.

[...] desenhar não é reproduzir o que se vê, mas sim o que se sabe. Se este princípio é verdadeiro para o desenho, com mais razão o é para a escrita. Escrever não é transformar o que se ouve em formas gráficas, assim como ler também não equivale a reproduzir com a boca o que o olho reconhece visualmente. (FERREIRO, 1985, p. 55)

Essa é a forma que a criança encontra para expressar suas ideias, seja com desenhos, escrevendo ou lendo.

[...] porque o desenho é para criança uma linguagem como o gesto e a fala. A criança desenha para falar e poder registrar sua fala. Para escrever. O desenho é sua primeira escrita. Para deixar sua marca, antes de aprender a escrever, a criança se serve do desenho. A criança desenha para falar de seus medos, suas descobertas, suas alegrias e tristezas. (MOREIRA, 2009, p. 20).

A criança desenha em qualquer lugar, a qualquer hora, desenha para se comunicar, mas é a escola o espaço onde as crianças aprendem a ler e a escrever, também é o espaço onde todos os saberes dessa criança devem ser respeitados, a sua história anterior à entrada na escola é imprescindível para que tenha sucesso em sua caminhada escolar. O psicopedagogo ao investigar possíveis causas de dificuldades de aprendizagem, usa todos esses conhecimentos que a criança tem essa bagagem cultural que vem com a criança.

2.4 METODOLOGIA

A metodologia para o desenvolvimento deste trabalho baseou-se em livros da área de metodologia científica, se utilizou da pesquisa bibliográfica que serviu de referências para fundamentação do problema apresentado. Segundo Cortellazzo e Romanowski (2007, p. 37).

A pesquisa bibliográfica se refere aos estudos investigativos que tem como base fontes de referências tais como livros e periódicos. Seu objetivo é auxiliar na análise e na compreensão de um tema, contribuindo para explicar o problema a partir das inferências teóricas

obtidas nas leituras.

As leituras complementares são obrigatórias e devem propiciar a uma expansão do conhecimento do leitor. Inicialmente será feita uma revisão bibliográfica para fundamentar os objetivos da pesquisa e conseguir as informações necessárias, para uma análise mais profunda sobre a importância que os desenhos infantis têm e como podem ser utilizados como um instrumento investigativo no atendimento das avaliações psicopedagógicas.

Sendo assim, utilizaram-se consultas bibliográficas em textos, artigos, livros que falam sobre os desenhos infantis, suas etapas, sua importância no universo infantil e como o psicopedagogo pode utilizá-lo como um instrumento investigativo, como referencial teórico alguns autores e estudiosos como Derdyk, Florêncio, Bueno, Moreira, Ferreira, entre outros citados no trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou elementos para a reflexão sobre os desenhos infantis e como o psicopedagogo pode estar utilizando como uma ferramenta investigativa no atendimento da Avaliação Psicopedagógica. Os desenhos infantis podem ser considerados como a primeira escrita da criança, é um meio de comunicação entre a criança e o mundo. Um desenho pode expressar muitos sentimentos, algumas vezes até inconscientemente. Porém um desenho em si não pode ser o único a ser avaliado, investigado, é preciso olhar o contexto em que foi produzido, observar como foi elaborado, ver os outros aspectos dessa criança.

O psicopedagogo é aquele que estuda o modo se aprender e investiga as possíveis causas dos problemas relacionados à aprendizagem da criança e busca soluções, como ajudar essa criança a superar essas dificuldades. As etapas do desenho infantil na infância são muito importantes, devem ser incentivadas e respeitadas, cada criança é única e passa por essas etapas de maneira única, essas etapas podem ser influenciadas socialmente, pelo contexto em que essa criança está inserida. O desenhar faz parte do universo infantil e a criança o faz por prazer, sendo comum ela fazer seus “rabiscos” em lugares muitas vezes inadequados como uma parede, um móvel. É papel de o

adulto proporcionar os meios e instrumentos adequados para que a criança deixe aflorar sua criatividade.

O psicopedagogo é o profissional que busca compreender o processo de aprender e as dificuldades de aprendizagem, no seu atendimento na avaliação psicopedagógica o desenho desempenha um papel primordial como um instrumento investigativo. É através do desenho que a criança deixa transparecer sentimentos, seu modo de ver o mundo a sua volta, muitos desses sentimentos ela transmite de forma inconsciente. O desenho e toda a coordenação motora que exige, os conhecimentos que a criança vai adquirindo em relação a posicionamento, direções, como uma forma de comunicação é muito importante para a escrita, a criança percebe a importância que é dada a esses dois processos, tão distintos e ao mesmo tempo tão ligados, o desenho e a escrita.

Os objetivos do estudo foram alcançados, o psicopedagogo necessita de vários instrumentos investigativos para avaliar, diagnosticar e buscar elementos que o auxiliem no atendimento de crianças com dificuldades de aprendizagem, e o desenho mostrou-se um instrumento que mostra muito das percepções que a criança tem do mundo a sua volta, assim como revela muitas vezes sentimentos que ela não consegue expressar em palavras.

REFERÊNCIAS

ALEXANDROFF, M. C. **Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita. Construção Psicopedagógica**, São Paulo, v. 18, n. 17, p. 20-41. 2010.

ALMEIDA, R. D. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. 2ª. Ed. São Paulo: contexto, 2003.

COGNET, G. **Compreender e interpretar desenhos infantis**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 3 ed. Revista e ampliada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

CORTELAZZO, I. B. C., ROMANOSWSKI, J. P. **Pesquisa e prática profissional: procedimentos de pesquisa**. Curitiba: IBPEX, 2007.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Scipione, 1994.

_____. **O desenho da figura humana.** São Paulo: Scipione, 1993.

FERREIRA, A., **A Criança e a Arte: o dia a dia na sala de aula.** Rio de Janeiro: Wak, 2012.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização.** São Paulo: Cortez. 1985.

MOREIRA, A. A. A. **O Espaço do desenho: a educação do educador.** 12. ed. São Paulo: Loyola, 2008

NICOLAU, Marieta Lúcia Machado. **A educação artística da criança.** 2 ed. São Paulo: Ática, 2008.

OLIVEIRA, V. B.; e BOSSA, N. A. (orgs.) **Avaliação psicopedagógica da criança de zero a seis anos.** 18ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

OLIVEIRA, Z. M. R. **A criança e seu desenvolvimento.** São Paulo: Cortez Editora, 1994.

PILLAR, A. D. **Desenho & escrita como sistema de representação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PORCHER, L. **Educação artística: luxo ou necessidade?** 5. ed. São Paulo: Summus, 1992.

PORTO, O. **Bases da Psicopedagogia: diagnóstico e intervenção nos problemas de aprendizagem.** 3ª Ed, Rio de Janeiro: Wak, 2007.